

Activismo e novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)

José Adolfo Vidal

Instituto Politécnico do Porto

Resumo:

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tendo como face mais visível a Internet agora complementada com tecnologias de comunicação móvel e *WI FI (Wireless Fidelity)*, deram origem a uma plethora de actividades comunicativas de cariz social, cultural e político nos seus espaços mediáticos (ciberspaços) onde, traduzindo as realidades políticas e económicas que os enformam e a reflexividade da dimensão técnica e social da tecnologia, se objectivam relações dialécticas entre estrutura e agência.

As TICs ao oferecerem a oportunidade de reconfiguração, reapropriação e redistribuição da cultura dominante, interpelam a determinação em últimas instância das estruturas sócio-técnicas que as enformam e, ao afirmarem a autonomia relativa dos utilizadores, demonstram a possibilidade do uso poder (ainda) fazer o sentido da tecnologia.

Este trabalho de natureza exploratória das formas de expressão do si e de luta política mediada pelas TICS, sugere a necessidade da sua (re)teorização de um ponto de vista crítico e reconstrutivo a partir da análise sócio-técnica da acção dos poderes corporativos e estatais (os grandes actores) determinantes dos usos hegemónicos da Internet e da sua significativa tentativa de fazer divergir as possibilidades tecnológicas de interacção (rede potencial) das reais possibilidades da sua prática (rede de uso).

Palavras Chave:

Reflexividade, código, *software*, poder, ciberactivismo, *Blogs*, *smart mobs*, Zonas Autónomas Temporárias

1 - Introdução

Num tempo do capitalismo digital (Schiller, 1999) as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), *maxime* Internet, e os seus espaços mediáticos (ciberespaços), estabeleceram-se como ontológica categoria central da contemporaneidade (Rheingold, 1993; Negroponte, 1995; Castells, 1996; Melucci, 1996).

Uma categoria que alguns chamam de virtual porque digitalizada, interactiva e comutável e que, tendo como suporte e matriz tecnológica a rede planetária de computadores, globalizou a artificialização da sensibilidade e da agência individual e colectiva e, afirmando-se como uma dimensão do real¹, sugere uma nova e, porventura decisiva, arena de luta (tecno)política.

Os dispositivos sócio-técnicos das TICs objectivam a mútua constituição das relações sociais e da tecnologia e, traduzindo a inscrição e mediação dos artefactos tecnológicos nas actividades e interacções humanas, afirmam-se como *actantes*² (Akrich e Latour, 1992: 259-264) agentes de interacções constitutiva de sentidos culturais (Latour, 1993). Contudo, estes agentes encontram-se diversamente situados na rede de relações de poder (Touraine 1995), o que introduz a questão do poder e hegemonia na análise do modo como se articulam as relações sociais entre as pessoas, e entre as pessoas e os dispositivos tecnológicos (*hardware/software*) no campo das TICs.

A visão libertária da Internet e a representação social de uma *ciber* (Escobar, 1994, p 214)³ Sociedade de *Informação* e *Conhecimento* democrática, horizontal e descentralizada rapidamente se viu confrontada com as cruas realidades sócio-técnicas (Lovink, 2002) interpeladoras directas da utópica visão da Internet enquanto rede potencial em malha, com nodos com o mesmo nível hierárquico e de poder, mas que, na prática, e nas práticas, se assume como uma rede de uso em estrela, com nodos com diferentes níveis hierárquicos e de poder

Traduzindo a reflexividade sócio-técnica como meta discurso das relações dos seres humanos com o seu ambiente e suporte de análise dos espaços mediáticos das novas

¹ (e)lectronic:

e-Democracia, e-Formação, e-Comércio, e- Sociabilidade...

² Remetendo para a sua origem semiótica a teoria do actor em rede (actor network) atribui o mesmo estatuto explicativo a todos os actantes (humanos e não humanos).

³ Escobar sugere o estudo cultural das relações entre os seres humanos e os artefactos tecnológicos pensados e descritos como sistemas cibernéticos (ciberantropologia, cibercultura)

TICs, a inscrição de relações sociais de poder e autoridade nas tecnologias sustenta processos de afirmação de hegemonia no campo através do estabelecimento de rotinas construídas no quadro da relação dialéctica entre estrutura e agência que, de forma e mais ou menos questionável, traduzem poderes (percebidos ou não como tal) determinantes da estrutura, das condições de acesso e das práticas dos sistemas de informação e da sua rede de interacções.

Justificam-se assim as distorções e diferenças entre as potencialidades teóricas da tecnologia e as possibilidades do seu uso efectivo, e a eventual passagem de elementos apresentados como facilitadores de comunicação, a factores de constrangimento dessa mesma comunicação, o que permite caracterizar a Internet como campo de forças e de negociação de diversos capitais (Bourdieu, 1989), e palco de lutas de detentores de diferentes capitais e poderes sócio-técnicos.

Campo onde a análise fenomenológica da temporalidade específica dos dispositivos sócio-técnicos de Interacção Mediada por Computador (cibertempo) caracterizada pela libertação espaço-temporal dos agentes e da sua reconfiguração enquanto autores, releva do mesmo processo relacional entre espaço e ciberespaço e, em termos de relações inter-pessoais, entre a multitude dos espaços e tempos sociais, numa heteroglossia social (Bakhtine, 1986) onde a polifonia das dimensões imbrica na polifonia das relações.

No princípio, é o investimento do utilizador, a possibilidade de acesso, e a usabilidade do sistema determinando a (tele)presença do utilizador no espaço mediático do dispositivo das novas TICs.

Depois, uma (tele)presença entendida como resultado da convergência de sentidos estabelecido pelo desenho do *software* e das *affordances* (Norman, 1999)⁴ nele inscritas, e o sentido das práticas do utilizador, activadoras do sentido do dispositivo, através da perceptual e psicológica afirmação *estou aqui*, tornada socialmente relevante pela concretização da intenção de activa partilha do lugar (Biocca e Levy, 1995) e da (tele)co-presença.

⁴ *afford*: permitir, possibilitar (um certo número de utilizações e práticas).

Affordance social: enfatiza as implicações sociais e individuais das características tecnológicas da comunicação mediada por computador e das interfaces homem computador.

Affordance enquanto propriedades emergentes da percepção do dispositivo pelo utilizador, tradutoras da relação entre este (utilizador) e o dispositivo

Affordances é um termo largamente utilizado no estudo da interacção homem/máquina

A telepresença, condição prévia da co-presença nos ciberespaços, assume assim valor social pela concretização em situação do sentido de partilha e cooperação, deslocando assim o valor do sentido de (tele)presença para o valor social da (tele)agência e das condições da sua expressão.

As relações sociais de poder condicionadoras da prática da Internet, estão associadas a relações de força, não apenas de sentidos, traduzidas na limitação do seu acesso competências comunicativas (capital social), representações sociais, publicidade, mercantilização, acções corporativas e dos governos, condicionadoras da acção dos actores sociais, já de si confrontados por desigualdades de classes, género ou raça enquanto elementos caracterizadores da fractura digital (*digital divide*) e estruturantes da agência.

Uma realidade que já não é o que era, onde a intersubjectividade⁵ surge dependente de subjectividades ligadas em rede e condicionadas pelo *hardware* e *software* disponíveis, interpeladoras da metafísica do corpo e da organicidade da identidade humana e se apresentam como sintoma e símbolo do crescente carácter reticular dos territórios e das relações humanas de agentes redutíveis à condição de produção incorporada.

Numa sociedade socio-espacialmente *delocalizada* (Touraine, 1992 p 221) novos nómadas, com faces reconfiguradas, procuram *glocalmente* (Hampton e Wellman, 2002)⁶ a afirmação de novos *eus* (identidade interna, pessoal) e de novos *sis* (identidade externa, pública) nos espaços e redes de sociabilidade e agência *on-line* potenciando a emergência de uma cultura assente no *software* e movimentos sociais articuladores de praticas sociais politicamente orientadas, benéficas ou destrutivas (ciberactivismo)⁷.

⁵ A interacção social traduz a matriz intersubjectiva da representação do real, ou seja, da realidade social.

⁶ *glocalização*: pensar globalmente agir localmente

⁷ movimentos sociais aqui entendidos como múltiplas formas de agência racional e emotiva localmente geradas por actores que se mobilizam contra projectos hegemónicos de outros actores.

2 - O software como ideologia e a guerra do código

O código, linguagem escondida da realidade digitalizada (Lessig, 1999), surge como metalinguagem e elemento de metaestruturação das TICs, na medida em que estabelece o quadro das possibilidades de pensamento e acção inscritos no *software* e constitui o princípio gerador de um *habitus* virtual⁸.

O controlo sobre o código e a sua propriedade, o mesmo é dizer sobre o poder de criação de sentido e controlo social das suas condições de produção e distribuição, surge assim como determinante *locus* de afirmação cultural e decisiva luta política.

Uma luta onde se explicita a ambivalência da Internet enquanto dispositivo indispensável à globalização da lógica capitalista baseada na propriedade (privada) e no lucro e a possibilidade da sua contestação através da acção directa e da criação de situações (Debord, 1992) assentes na cooperação e na dádiva (*potlatch*).

É disso exemplo a batalha que opõe os defensores do *software* proprietário aos defensores do *software* livre e do código de fonte aberto⁹ e os esforços destes últimos contra a patenteação dos algoritmos informáticos e dos seus processos como premente ameaça a uma (ciber)cultura activista e desobediente dos poderes instituídos.

É disso exemplo a tentativa de controlo das práticas dos dispositivos de comunicação ponto a ponto (*peer to peer*-p2p) que permitem a troca de todo o tipo de ficheiros, razoavelmente entendidos como ameaça por uns e exaltados por outros (Bauwens, 2005).

⁸ *Habitus virtual*: inscrições que enquanto disposições normalizadoras das práticas traduzem a semântica do dispositivo pretendida pelos autores e desenhadores do software, que, com maior ou menor flexibilidade, determinam o grau de autonomia das práticas do utilizador.

Habitus: disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas funciona em cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de acções

...et rend possible l'accomplissement de tâches infiniment différenciées, grâce aux transferts analogiques de schèmes permettant de résoudre les problèmes de même forme (Bourdieu, 1972 pp 178-179)

⁹ Resultado do esforço e colaboração de programadores de todo o Mundo estão disponíveis desde plataformas de distribuição de *e-learning* (ex. moodle), sistemas operativos (ex. Linux), gestão de conteúdos (Content Management Software, ex. Mambo; Drupal) ou processadores de texto (ex. OpenOffice) à própria *World Wide Web* que o seu criador Tim Berners-Lee não patenteou. vide- UNESCO Free Software Portal:

http://www.unesco.org/webworld/portal_freesoft/Software/ (acedido 02.03.2004)

Actualmente o sistema de partilha de ficheiros *BitTorrent* está sob ataque jurídico e policial após se ter mostrado como eficaz ferramenta de comunicação cooperativa ponto a ponto de ficheiros de grandes dimensões (ex. vídeo, *software*)¹⁰.

3 - Da expressão do eu à mobilização colectiva

O desenvolvimento explosivo da Internet potenciado pela World Wide Web sustentou a proliferação de páginas *Web* e a hipertextual expressão do si de um para muitos.

Recentemente e numa nova reconfiguração da autoria na Internet, os *Blogs* (diminutivo de *weblogs*) inseridos no genérico conceito de publicação aberta (*open publishing*) e de *software* activo¹¹ tornaram-se um lugar comum da afirmação individual e colectiva na Internet e nova forma dialógica de autoria hipertextual¹² onde os participantes produzem, trocam e discutem informação e conhecimento.

Evidenciando a sua facilidade e eficácia de uso, os *Blogs* rapidamente se transformaram num meio de comunicação política e jornalisticamente influente não apenas no ciberespaço mas também no denominado *mundo real*¹³.

Os *Blogs*, tendo atingido uma considerável massa crítica quantitativa e qualitativa, começam a influir na determinação da agenda das notícias (*agenda setting*) dos meios de comunicação tradicionais e tornaram-se câmara de eco e companheiros das versões

¹⁰ Depois do encerramento do Napster, o *Bittorrent* e as suas práticas estão sobre enorme pressão e ameaça das autoridades dos Estados Unidos da América: vide <http://www.elitorrente.org>. (acedido 10.07.2005).

Uma ameaça que, explicitamente assinada pelo FBI e pelo Departamento de Segurança do Estado em nome do direito de propriedade, surge mais consequentemente ameaçadora do que o simples anúncio não identificado do encerramento do *site* Islâmico da Alneda: vide <http://alneda.com> (acedido 10.07.2005).

¹¹ Active User Guide

<http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html> (acedido 10.05.2005)

¹² A caminho do hipermedia, começam a surgir *Blogs* com a introdução de ficheiros de som (*podcasting*)

Podcasting tools. <http://www.podcasting-tools.com/> (acedido 12.06.2005)

¹³ Com os bons ofícios do *software* de filtragem fornecidos pela Microsoft, o Governo Chinês intensificou a sua campanha contra a utilização politicamente incorrecta da Internet e dos *Blogs*.

on-line de importantes jornais e agência noticiosas (*The Guardian, Le Monde, Libération, BBC, CNN*, entre muitos outros).

Contudo, apesar da sua explosiva dinâmica de crescimento, apenas alguns *Blogs* de elite adquirem o estatuto de referência (a *A-List*) cuja posição é negociada através da simbiótica e hipertextual relação de argumentação e informação neles contida susceptível de elevar o seu posicionamento e visibilidade na *blogosfera* (Dreznel e Farrell, 2004).

A convergência dos dispositivos de comunicação móvel (nomeadamente com os telemóveis com câmaras de imagem digital) e a Internet, criou a possibilidade do fabrico da notícia, enquanto interpretação e publicitação do real em tempo real, ficar ao alcance de quem disponha de literacia, *hardware* e *software* necessários, interpelando assim e de forma decisiva os conteúdos e tempos de notícia dos meios de comunicação tradicionais.

Esta convergência, possibilitando processos comunicativos e interactivos e comutáveis, potencia canais de contra-cultura alternativos das estratégias mediáticas dos meios de comunicação de massa dominantes e a capacidade de mobilizar articulada e cooperativamente movimentos de cidadania politicamente e/ou culturalmente orientada. Surgem assim movimentos a que Rheingold chamou *smart mobs*¹⁴ (Rheingold, 2002) que, problematizando a noção das acções e movimentos sociais centralmente coordenados e a relação entre identidades virtuais e identidades orgânicas, se afirmam, cada vez em maior escala, como cooperação espontânea *on-line*, sem organização central ou hierárquica e cujas práticas assentam no construtivismo digital de situações politicamente orientadas que resultam na mobilização física de pessoas convocadas para um determinado fim e local, através de mensagens telefónicas (normalmente de texto) e da Internet.

4 - Zonas Autónomas Temporárias (ZAT)

O Exército Zapatista de Libertação Nacional foi um dos primeiros movimentos políticos a utilizar a Internet como meio de publicitar a sua acção política. Inicialmente por e-

¹⁴ Significando o acesso móvel à Internet como meio de mobilizar articuladamente a agência colectiva.

mail, comunicavam a situação no terreno, os seus ideais e a sua crítica do capitalismo neoliberal e posteriormente *glocalizando* Chiapas (México) num ciberespaço, criando assim uma zona autónoma temporária (Bey, 2003) e apropriando-se da Internet como meio táctico da sua luta¹⁵.

Evidencia-se assim a possibilidade da criação nos espaços mediáticos das TICs (ciberespaços) de zonas autónomas temporárias tácticas que, na lógica da comunicação ponto a ponto (p2p) e (e)ludindo as possibilidades institucionais de controlo e normalização e a sujeição aos meios de comunicação de massa tradicionais.

Na prática e nas práticas trata-se da criação de zonas distribuídas onde utilizadores certificados podem trocar ficheiros. O facto de não existir armazenagem central subverte a controlável lógica de cliente/ servidor característica da Internet e potencia a efêmera existência de informação partilhável por todos os que têm acesso a essa zona privada da Internet¹⁶.

Conclusão

As tentativas de mercantilização, policiamento e controlo da Internet e da sua recuperação como médium vertical de comunicação alocutiva (de um, ou poucos, para muitos) em detrimento das suas características de médium horizontal afirmativo dos utilizadores como produtores e autores da sua ementa de informação, podem ser analisadas no contexto alargado das relações sócio-técnicas e da relação dialéctica entre estrutura e agência.

Afirmando que o uso pode fazer o sentido, movimentos sociais como os activistas antiglobalização de Seattle e Génova, RTMark, utilizadores do Napster ou do Kazaa, artistas, guerrilheiros Zapatistas, *Hackers*, *Crackers* e *Phreakers*¹⁷, descolando do

¹⁵ *Zapatistas in Ciberspace*:

<http://www.eco.utexas.edu/faculty/Cleaver/zapsincyber.html>

¹⁶ TAZ-e, Corporate p2p Working zone

<http://www.taz-e.com/> (acedido 12.02.2005)

¹⁷ *Hacker*: pessoa que tem um perfeito conhecimento dos computadores e sistemas informáticos. As suas práticas foram associadas pelos meios de comunicação tradicionais a actos ilegais e contra o sistema.

Cracker: pessoa que quebra a segurança num sistema informático.

activismo *soft* das páginas *web* ou dos *blogs*, demonstram e *glocalizam* as potencialidades das novas TICs como matriz sócio-técnica e suporte de formas de agência individual e colectiva vanguardista (ciberactivismo).

São disso exemplos a criação de Zonas Autónomas de Temporárias (*Temporary Autonomous Zones-TAZ*) com suporte em tecnologias de comunicação ponto a ponto, *smart mobs* e os movimentos contestários do *software* proprietário.

Evidencia-se assim uma capacidade de acção e expressão de formas alternativas de participação na vida pública subversivas das estruturas existentes de controlo da produção e distribuição de cultura, numa clara afirmação do virtual como dimensão do real e território de expressão de redes de movimentos sociais orientados para a emancipação ou para a subjugação, e mesmo, terrorismo e cibercrime.

As potencialidades das TICs como suporte de novas e radicais formas de intervenção sócio-política e *performance* do si na luta pela cidadania e pelo direito à contemporaneidade, tornam ainda mais relevante a fractura digital (*digital divide*), e mais urgente a resposta à questão de como as ambivalentes actividades nas e com as TICs, se podem tornar suporte de activismo e da construção de situações articuladoras de necessidades e interesses comuns, isto é, emancipatórias e convencionais (Illich, 1973).

Bibliografia

Akrich, M., *The De-scription of Technical Objects*, in *Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change*, Wiebe E. Bijker; John Law (eds), Cambridge, MA, MIT Press, pp. 205-224, 1992.

Akrich, M.; **Latour**, B., *A Summary of a Convenient Vocabulary of the Semiotics of Human and Nonhuman Assemblies*. in Wiebe E. Bijker and John Law, Eds. *Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change*, Cambridge, MA, MIT Press, 1992, pp.259-264,

Bakhtine, Mikhail, *Speech genres and Other Late Essays*, Austin, University of Texas Press, 1986.

Preaker: pessoa que quebra a segurança de uma rede telefónica.
 in Jargon File
<http://www.catb.org/~esr/jargon/html/> (acedido 10.01.2000)

Bardini, Thierry, *Changement et Réseaux socio-techniques: de l'inscription à l'affordance*, Réseaux, n°76, CNET, 1996.

Bey, Hakim, *T.A.Z.: The Temporary Autonomous Zone*, Brooklyn, Autonomedia, 2003.

Biocca, E; **Levy**, M. R., *Communication in the age of virtual reality*, Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 1995.

Bourdieu, Pierre, *Esquisse d'une Théorie de la Pratique, Précédé de trois études d'ethnologie kabyle*, Genebre/Paris, Droz, 1972.

Bourdieu, Pierre, *La Noblesse d'Etat*, Paris, Minuit, 1989.

-----, *Science de la science et réflexivité*, Paris, Raisons d'agir, 2001.

Callon, Michel, *Techno-economic networks and irreversibility* in J.Law (ed.) *A Sociology of Monsters: Essays on Power, Technology and Domination*, London and New York, Routledge pp. 132-161, 1991.

Castells, Manuel, *The rise of the network society*, Massachusetts, Blackwell, 1996

----- *The Information Age: Economy, Society and Culture*, Massachusetts, Blackwell Publishers, 1991.

Debord, Guy, *La Société du Spectacle*, Paris, Gallimard, 1992.

Escobar, Arturo, *Welcome to Cyberia: notes on Anthropology of Cyberculture*, *Current Anthropology*, vol. 35, 1994, 211-231.

Hampton, Keith N.; **Wellman**, Barry, *The Not So Global Village of Netville*, in Barry Wellman e Caroline Haythornthwaite (Eds.) *The Internet and Everyday Life*, Oxford, UK, Blackwell, 2002.

Illich, Ivan, *A Convivencialidade*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1973.

Latour, Bruno, *We have never been modern* (tr. C. Porter) Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

Lessig, Lawrence, *Code and Other Laws of Cyberspace*, New York, Basic Books, 1999.

Lovink, Geert, *Dark Fiber: Tracking critical internet culture*, Cambridge, MA: The MIT Press, 2002.

Melucci, Alberto, *Challenging codes: collective action in the information age*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

Mosco, Vincent, *The Political Economy of Communication: Rethinking and Renewal*, London, Sage Publications, 1996.

Rheingold, Howard, *Smart Mobs: The Next Social Revolution*, New York, Basic Books, 2002.

----- *The Virtual community: Homesteading on the electronic frontier*, MA, Addison-Welley, 1993.

Scardigli, Victor, *Le sens de la technique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1992.

Schiller, Dan, *Digital Capitalism, Networking the Global Market System*, Cambridge, MA, MIT Press, 1999.

Touraine, Alain, *Critique of Modernity* Cambridge, MA, Blackwell Publishers, 1995.

Zizek, Slavoj, *The Plague of Fantasies*, Londres, Verso, 1997.

Documentação electrónica:

Bauwens, Michel, *P2P and Human Evolution: Peer to peer as the premise of a new mode of civilization*

<http://noosphere.cc/P2P2bi.htm> (acedido 10.06.2005)

Drezner, Daniel, **Farrell** Henry, *Web of Influence*

http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=2707&popup_delayed=1 (acedido 12/05/2005)

Negroponte, Nicholas: *Beeing Digital*, New York, 1995

<http://archives.obs-us.com/obs/english/books/nn/bdcont.htm> (acedido 12/5/2004)

Norman, Donald, *Affordance, Conventions, and Design, in Interactions*, May-June, 1999, pp. 38-44

<http://www.jnd.org/dn.mss/affordances-interactions.html> (acedido 10/02/2001)

Kahn, Richard; **Kellner**, Douglas, *New Media and Internet Activism: From the 'Battle of Seattle' to Blogging*, New Media Society, Feb 2004; 6: 87 - 95.

<http://nms.sagepub.com/cgi/reprint/6/1/87.pdf> (acedido 12 de Janeiro 2005)